

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

FH no palanque

• O presidente Fernando Henrique estreou ontem no debate eleitoral acusando o candidato Lula de usar saltos altos ao propor que não tome medidas que engessem o futuro governo. Em conversas com tucanos sobre a situação de Serra e a consolidação de Lula, o presidente já dissera esta semana que não abdicará de seu papel de eleitor especial na campanha eleitoral.

Em uma dessas conversas, recomendou mais dureza com os adversários, o que tratou de fazer pessoalmente ontem. Além de Malan, combatendo o PT no plano econômico, devemos ter agora também o presidente como ator no palco eleitoral, embora deva restringir-se à defesa de seu governo e não do candidato. Das articulações políticas em favor de Serra ele já vem participando intensamente. O movimento noturno no Alvorada tem sido intenso, não só nas noites do cineminha, com a passagem de pefelistas e pepebistas que podem apoiar Serra isoladamente e peemedebistas que negociam a aliança com o PSDB, além de outros eventuais colaboradores. Foi do presidente a iniciativa de chamar o publicitário Nizan Guanaes a colaborar com o grupo responsável pelo marketing da campanha, operação que ainda está em curso. Sem dúvida, o presidente será um cabo eleitoral importante, embora hoje apenas 7,5% (pesquisa CNT/Sensus) declarem votar apenas no candidato por ele apoiado. Mas reza o conhecimento político empírico que o Planalto será sempre capaz de transferir 20% de votos para seu candidato.

O ataque de ontem a Lula teve como pretexto suas declarações no Rio criticando medidas que possam representar blindagem contra o futuro governo, seja quem for o

presidente eleito. Citou como exemplo, no lançamento de seu programa de energia, a venda de geradoras como a Chesf antes do fim do ano. O conceito de blindagem surgiu com o projeto de autonomia do Banco Central, do qual o governo já desistiu por falta de consenso entre os aliados. Mas o PT classifica na mesma categoria outras medidas, tais como a troca dos presidentes de agências reguladoras, que têm mandatos de cinco anos, de modo a que o futuro presidente não possa nomear nenhum deles. Teria pouca margem para alterar as regras de concessão dos serviços públicos privatizados. Já foi trocado o da ANP, o da Aneel teve o mandato renovado e hoje toma posse o novo presidente da Anatel, José Guilherme Shymura.

Uma outra blindagem contra Lula, esta de natureza institucional, deu muito trabalho ao país. Na revisão constitucional de 1993, temendo sua então provável vitória em 1994, PFL, PSDB e PMDB patrocinaram a redução do mandato presidencial de cinco para quatro anos, com direito à reeleição. Lula ficaria só quatro anos e não se reelegeria, calculavam. Na votação, o artigo da reeleição caiu e FH foi depois eleito para um mandato de apenas quatro anos. Acabou pagando caro para aprovar a emenda da própria reeleição.